



AMÁVEL, PREZADÍSSIMO, INESQUECÍVEL: O IMAGINÁRIO ACERCA DO LOCUTOR DE RÁDIO NAS CORRESPONDÊNCIAS FEMININAS

Bruno Henrique Nichel¹

No campo da história, inserido na temática dos meios de comunicação, o rádio foi por tempos preterido por fontes escritas, como jornais ou revistas, não sendo objeto de estudo assaz frequente. Somente recentemente a historiografia passou-se a interessar sobre o rádio, atraída pela presença e apropriação² imensuráveis que os meios de comunicação exerceram no século XX. Ao iluminar as questões acerca do fenômeno da radiodifusão, percebeu-se de que maneira “o rádio e seus reflexos sociais funcionaram, como elementos inseridos em seus contextos históricos inventando e retrabalhando praticas que percorriam a própria sociedade” (MACHADO, 1999, p.89).

Por outro lado, as correspondências seguem um ritmo de tempo que não é preciso, especialmente se a compararmos com a instantaneidade atual do frenético e-mail. Cartas demoram dias, senão semanas para chegarem a seu receptor, e delongam um tempo ainda mais impreciso para serem respondidas. Em suas linhas, carregam recordações, ausências, amores, súplicas, esperanças. Por um instante, dissolvem as fronteiras do espaço, e o missivista materializa-se na lembrança do leitor. O mote desse trabalho é uma coleção de correspondências enviadas ao radialista Aldo Silva, que encontram-se disponíveis no acervo da Casa da Memória. As cartas totalizam 11 (cento e onze) missivas e foram remetidas no período entre 1956 e 1958, enquanto Aldo trabalhava na rádio Guarujá, onde exercias as funções de locutor, produtor, radio-ator e diretor artístico.

No que concerne ao trabalho com as epístolas, diligenciou-se refletir sobre as correspondências sob a ótica das práticas de escrita, das subjetividades presente nas linhas. Mergulhando na leitura das epístolas, pretende-se esmiuçá-las por dois modos, conforme proposto pela historiadora Maria Teresa Santos Cunha: tanto como prática cultural, onde serão examinados a periodicidade, os protocolo da escrita, o ritual envolvido com a escrita, o atendimento ou não delas pelo seu receptor; como também analisá-las como “um conjunto de documentos históricos que elabora representações sobre um dado capital de vivências da época” (2002, p. 184). Nessa coleção de cartas, é possível distinguirmos várias vozes, de diversos atores sociais. Com diferentes procedências, com preocupações divergentes, escritas segundo métodos distintos, essas epístolas

¹ Graduando em História - Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. Contato: brunonichel@gmail.com.

² Neste trabalho o uso do termo apropriação é utilizado conforme proposto por Roger Chartier (1989, p.136) e se refere aos “empregos diferenciados, aos usos contrastantes dos mesmos bens, dos mesmos textos, das mesmas ideias”.



formam um singular conjunto de olhares sobre um veículo de comunicação, transformando-se em um importante material para aprofundar a compreensão dessa rede de sociabilidade.

Desse modo, as missivas permitem compreender a relação que existe entre o rádio e a sociedade, que tramam um teia sociabilidade fomentada pela cultura radiofônica. Concomitantemente, descrevem uma percepção pessoal da programação vinculada por um meio de comunicação de massa. Essa resposta do ouvinte possibilita esboçar sua rede de relações sociais, conhecer seus anseios, opiniões e questionamentos, bem como aspectos da recepção radiofônica. O rádio suscitou novas sociabilidades, ao passo que criou uma série de referências coletivas entre indivíduos que não se conheciam, mas através do rádio, passaram a partilhar informações, interesses e mesmo gostos musicais. Dessa forma, fomentou novas práticas culturais, auxiliando no processo de divulgação de novos hábitos e padrões urbanos.

Florianópolis na década de 1950 contava com cerca de 80 mil habitantes. Com seu ritmo cadenciado, a “ilha capital ainda mantinha a sua tranquilidade e os seus hábitos provincianos” (CALDAS, 1980, p. 33). Ostentava o no mínimo infame título de ‘menor capital do país’. Enquanto o Brasil vibrava com os anos JK, os 50 anos em 5, o desenvolvimentismo, a capital de Santa Catarina era ainda “uma pálida caricatura de cidade grande” (SILVA, 1962, p. 25), apresentando reduzidos elementos urbanísticos que demonstrassem a ânsia pelo progresso e desenvolvimento que atravessava o Brasil. É nessa Florianópolis, representada como pacata e tranquila, que Aldo Silva exerceu suas atividades radiofônicas. Na época dourada do rádio a imaginação, a fantasia e a diversão viajavam juntas, proporcionando aos ouvintes sentimentos e sensações tão singulares, que os incentivava a escrever para o locutor, para tomar parte de tal trama de sociabilidade. É neste universo que mergulharemos agora, partir das cartas dos ouvintes.

Mapeando as correspondências:

Segundo Cécile Dauphin (2002, p.76), “ler uma carta é entrar numa história sem conhecer a primeira palavra, sem saber o que aconteceu antes, nem o que chegará depois, o que se disse antes, nem o que se dirá depois”. As correspondências endereçadas ao diretor e locutor Aldo Silva possuem, em geral, essa peculiaridade, uma vez que não conhecemos qual programa, ou quais foram as palavras proferidas através do rádio que motivaram a escrita dessa carta.

No entanto, há cartas em que o ouvinte procura justificar detalhadamente o porquê da escrita, a fim de embasar e assinalar sua audição dos programas da rádio; em outras casos, o próprio Aldo Silva registra, de caneta vermelha, com letra marcante e sua assinatura, a data de atendimento



do pedido do ouvinte. Nesses exemplos, é possível entrever um pouco mais do perfil do ouvinte e do próprio Aldo, além de conjecturar uma rede de relações sociais, imbricada nessas práticas de escrita. Desse modo, podemos vislumbrar nas missivas mais que fragmentos dispersos, costurando uma colcha de retalhos que ampliam seu potencial de pesquisa, e nos conduzem a aprofundar essa relação entre rádio e carta, entre locutor e ouvinte. Juntamente com esta premissa, podemos considerar também que as missivas expõem testemunhos de uma época, e “são registros de aspirações miúdas, murmúrios interiores que, pela escrita, assumem um papel de permanência e estabilidade” (CUNHA, 2002, p.195).

Na década de 1950, o rádio estava consolidado como sucesso de público. Com ele as novidades chegam mais, novidades que modificam os hábitos corriqueiros da sociedade florianopolitana, e aos poucos, vão reordenando a rotina da população, introduzindo um novo estilo de vida, novos padrões de consumo. Exemplo disso, é a carta da ouvinte que assina como D. Inácia, expondo sobre uma radionovela irradiada: “*Sublime Redenção está maravilhosa, eu gosto muito de escutar novelas, porque não saio de casa, e a minha distração são as novelas, os programas que tem na radio, quando não tem eu fico muito triste*” (28/10/1957). Assim podemos perceber o rádio como agente transformador das práticas cotidianas, no sentido em que permite que mesmo sem sair de casa, o ouvinte seja induzido a mergulhar nas emoções proporcionadas pelo mágico aparelho.

O universo radiofônico foi elaborado de forma a sensibilizar o ouvinte, adentrar em seu cotidiano, despertar sentimentos e manifestações. Ao público coube identificar-se com os personagens, torcer por eles, idealizando uma representação imaginária acerca das figuras: “*O papel de Dr. Fernando é um espetáculo, mas coitada da Ângela sofre tanto*” (28/10/1957). Sobre o conceito de representação, vale destacar o apontamento de CHARTIER (1989, p.16) para quem concepção designa a maneira como, em diferentes ambientes e momentos, uma determinada realidade é construída, dada a ler por diferentes grupos sociais. Misto de admiração com devaneio, do real com o ficcional, esta representação criou uma relação afetiva, e contribuiu para criar laços entre os ouvintes e o meio radiofônico. Essa comunicação do ouvinte com os profissionais do rádio ocorria por meio das correspondências, que juntamente com a programação irradiada, fomentavam uma rede de sociabilidade. Como asseverou Mignot (2002, p. 115), as correspondências “permitem compreender itinerários pessoais e profissionais de formação, seguir a trama de afinidades coletivas e penetrar em intimidades alheias”.

Numa observação mais detalhadas sobre as cartas, foi efetuada uma divisão das epístolas relativa ao gênero dos remetentes. Assim, distinguiu-se 70 (setenta) cartas do gênero feminino, 33



(trinta e três) do gênero masculino, e 08 familiares. Serão estas 70 cartas que serão objeto deste artigo. A explicação para essa escolha no recorte está no cruzamento dos dados relativos a local de procedência e gênero das cartas, onde obtemos um resultado revelador de peculiaridades. Entre as 70 missivistas, temos 59 postagens procedentes de Florianópolis. Assim, devido ao público feminino constituir a maior parcela dentre as correspondências verificadas, e sobretudo, por constituir-se na maioria de moradores da cidade de Florianópolis, optou-se por trabalhar com as correspondências femininas. Analisando as fontes, podemos distinguir algumas particularidades presentes nas cartas remetidas por essas “mulheres de casa”, ou seja, residentes em Florianópolis.

Mergulho nas cartas:

Uma das características mais notáveis das missivas femininas é a exaltação à figura do locutor Aldo Silva. A maioria delas traz em seu interior exclamações de louvor ao talento, ao profissionalismo, e também à atenção e carinho dedicado pelo radialista. A relação entre ídolo e fã, entre Aldo Silva e ouvintes, é uma das marcas dessas cartas.

Conforme a historiadora Lia Calabre, o fenômeno radiofônico forjou os primeiros ídolos musicais do país, e alimentava as notícias desse reino encantado de sonhos e diversão, para um séquito grupo de fãs ávidos: “Os ouvintes queriam ver e se possível tocar nos donos das vozes que embalavam seus sonhos” (CALABRE, 2008, p.120). Em Florianópolis, no entanto, a situação era deveras diferenciada. A pequena capital, que contava na década de 1950 com aproximadamente 70 mil habitantes, por estar afastada dos grandes eixos culturais (de onde eram exportados artistas para o restante do país), aclamou como ídolos, além daqueles importados das grandes rádios, também as personalidades radiofônicas locais. Com isso, os ídolos passavam a estar muito próximo de seus fãs.

E a proximidade é fundamental para a valorização de um personagem local. Ela possibilita que o público se identifique com o locutor, com determinado programa, e estabeleça uma relação afetiva especial. Aldo Silva, tinha ainda a seu favor, uma empatia extraordinária. E jorravam correspondências para Aldo, comprovando que ele alcançava essas qualidades, como fica registrado na carta de Terezinha Ristter: “à você Aldo que é o maior locutor do rádio catarinense” (20/11/1957), e ainda mais realçado por Enizia Santana “Sou fan incondicional da querida Rádio Guarujá, e escrevo lhe pela primeira vez para o programa Serenata, não poderia deixar de elogiar o seu criador que é o Senhor um locutor tão simpático, na voz, no perfil, etc” (28/10/1957).

Para a ouvinte Zorilde Silveira, o que mais lhe agradava em Aldo era sua voz: “o locutor deste saudoso programa é possuidor de uma linda voz calma e carinhosa”(04/09/1957). Também



para ouvinte Maria Candido Cunha, essa característica ganha destaque: “*Gosto de todos os programas desta rádio principalmente quando é animado pela voz bonita de "Aldo Silva"*” (06/10/1957). Com os anos de prática, a voz de Aldo Silva tornou-se madura, modelada, segura de suas possibilidades, dominando todas as nuances e modulações. Tal qual Pedro Camacho, personagem radiofônico do romance de Mario Vargas Llosa, de cujo peito brotava “uma voz tão firme e melodiosa, uma dicção tão perfeita. Parecia que nessa voz não apenas desfilava cada letra, sem mutilar uma só, mas também as partículas e os átomos de cada estampa, os sons do som” (LLOSA, 1978, p. 17). Essa perfeição sonora foi apontada pela ouvinte Luiza Silva: “*seu Aldo Silva pois a sua voz é a mais linda que existe, falo sinceramente*” (21/10/1957). Entrementes, não apenas as mulheres eram fãs da habilidade vocal de Aldo. Segundo o jornalista Ricardo Medeiros, “*havia também aqueles homens que buscavam o bom tom para repetir aquele até breve querida na voz de veludo de Aldo Silva*” (2002, p. 151).

Elogios mais fervorosos Aldo recebe de algumas fãs mais arrebatadas, que não medem palavras para lisonjear o radialista. Logo na saudação inicial, já vislumbramos o tom com que é tratado o radialista: “*Simpático locutor Aldo Silva*”. Os adjetivos presentes nas correspondências são diversos, como “*Prezado Amigo*”, “*Estimadíssimo*”, “*Amável Aldo Silva*”, “*Incomparável Aldo Silva*” e “*Inesquecível Aldo*”. Essas declarações das admiradoras demonstram a existência de um sentimento de intimidade entre o ídolo Aldo e seu cativo público. A intimidade, mesmo não sendo recíproca, faz com que o ídolo do rádio seja representado no universo do ouvinte como uma figura íntima, familiar, fazendo parte de bate-papos, das conversas diárias entre ouvintes radiofônicos. Essa intimidade muitas vezes é externada nas cartas, seja através do palavreado, ou de outras formas, como enfeites e desenhos. Das correspondências analisadas, destaca-se a de Terezinha Ristter, que desenhou um coração pontilhado, dentro do qual está escrito “*Simpático locutor*”. Outro coração, este com a mensagem “*Programa Serenata*”, foi desenhado pela ouvinte Yolanda Moraes. Outra carta, de Selma Cunha, traz ornatos de flores e corações no canto da folha, e também a epístola de Iraci Vieira apresenta flores pintadas em vermelho, destacadas no topo da página.

Os elogios à Aldo não cessam aí, e abrangem as diversas áreas de sua atuação radiofônica. A missivista Zelíndia Machado ressalta a primorosa apresentação do seus programas: “*Sr Aldo acho todos os seus programas maravilhosos, porque todos os dias de manhã escuto a rádio Guarujá. Gosto imensamente de sua queridinha voz. Fico ansiosa quando chega segunda feira e quinta, porque você é o maior e grandioso artista da Rádio Catarinense*” (05/11/1957). Outra ouvinte



exalta o rádio-ator Aldo Silva, personagem de diversas novelas, além louvar as demais funções, considerando-o como melhor radialista do Brasil:

Nas novelas o sr. é incomparável, não comete um lapso que seja, pois qualquer papel fica bem para o Senhor seja, de caipira, de médico, de galã sim porque quando o Senhor não é o galã a novela já perde um pouco de seu brilho. O papel de Dr. Fernando é um espetáculo, mas a coitada da Angela, sofre tanto. O senhor é o maior: Locutor, animador, rádio-ator catarinense e porque não dizer do Brasil inteirinho (...) peço a deus que proteja sempre o seu programa, a Rádio Guarujá, a sua família, ao senhor que é o mais simpático e querido locutor Barriga Verde e também do Brasil. Sua fan e admiradora Sra Enizia Santana (28/10/1957).

Outra ponto importante presente nas correspondências são os pedidos de flâmula. Mesmo sendo majoritariamente feitos pelo público masculino, também sucedem-se nas missivas remetidas pelas mulheres. Nas cartas examinadas, a jovem Elci Susko, de 12 anos, manifesta seu desejo: “*Ps: Sou colecionadora de flâmulas e ficaria contente se me enviassem uma da Rádio Guarujá*” (25/10/1957). No entanto, o episódio mais notável é o da ouvinte que assina simplesmente como Suely, de Florianópolis. Em sua primeira carta, Suely pede à Aldo Silva “*se você pode me enviar uma flâmula da Guarujá, pois faço coleção da mesma e gostaria muito de ter uma da maior rádio catarinense. Se for possível enviar-me, faça-o para o mesmo endereço. Creio que você ainda o tem, quando enviou-me o retrato de Chico Alves e o seu*” (10/11/1957). Para além da solicitação da flâmula, o trecho é aponta para a rede de sociabilidades, que torna-se mais complexa e íntima com o envio de fotos e flâmulas. Doze dias após a primeira carta, Suely volta a escrever. Desta vez para galardoar Aldo Silva pelo pronto atendimento de seu pedido: “*Em primeiro lugar desejo agradecer sinceramente a flâmula que me foi entregue por sua esposa, e falando nela acho-a adorável. A você Aldo, aqui vai o meu eterno agradecimento, é mais uma dívida para com você e que só poderei pagar-lhe com minha amizade e com a participação neste programa*” (22/11/1957).

Suely é mais uma ouvinte cativada por Aldo, em virtude da atenção com que o radialista manuseia as cartas recebidas. O atendimento das solicitações de músicas, de flâmulas, ou mesmo, a menção no programa do recebimento da carta, é a certeza para o ouvinte de que sua correspondência foi lida. Isso é essencial, pois o maior medo das ouvintes, é que sua carta seja esquecida, fique jogada em um canto obscuro da emissora, e seu pedido nunca venha a ser realizado. Assim afirma Zorilde Silveira, de São José: “*É com imençã (sic) satisfação que hoje escrevo pela primeira vez a este programa (...) se for atendida fico-lhe muito grata, pois não escrevi a mais tempo pençãdo (sic) não ser atendida*” (04/09/1957). O envio da carta demonstra a confiança em Aldo Silva, que bem sabe da importância para o ouvinte escutar, via rádio, uma resposta a seu clamor.



Animadas pela participação do público nos programas de Aldo Silva, diversas ouvintes saciam seus desejos de participar da construção da programação, de fazer parte dessa teia de sociabilidades radiofônicas. Uma ouvinte afirma que estava ansiosa em escrever: *“Sr. Aldo, é a primeira vez que escrevo para esta querida emissora. Estava anciosa (sic) para escrever para este adorável programa”* (06/09/1957). Também a ouvinte Maria das Dôres Silva, escreve para relatar: *“Simpático Aldo: Com a presente venho matar meus desejos de participar no programa “Serenata” (...) Agradecida pela atenção que me for dispensada aqui fica uma fan”* (xx/10/1957).

Ouvintes como Maria, mesmo que porventura estivessem solitárias em seu lar, mantinham-se em comunicação com o mundo através dos programas da rádio Guarujá. Em um primeiro momento, se fazem presentes, nomeadas, ao escrever para seu programa predileto; depois, ao terem seus nomes irradiados, solidificam-se como reais para muitos outros ouvintes espalhados pelo país. Como afirmou Lia Calabre, “era o rádio permitindo um momento de estrelato ao cidadão comum, alimentando o mito da popularidade” (CALABRE, 2002, p. 246), pois o fã tinha sua carta e seu nome lido durante o precioso instante do programa.

É comum a recorrência das ouvintes, que satisfeitas pelo acolhimento de sua correspondência, voltam a escrever: *“Também quero agradecer imensamente o determinado modo que tenho sido atendida neste programa”* (20/12/1957). Há casos de três, quatro, e mesmo cinco cartas enviadas pela mesma ouvinte, entre espaço de dois ou três meses. A fã Eni Cardoso, é uma *“acídua’ (sic) ouvinte desta querida emissora e grande colaboradora do belo Programa de Saudades”* (30/12/1957), e enviou no mínimo 5 cartas no período de 3 meses, *“sempre com prazer e alegria que escrevo uma cartinha”* (05/10/1957). Nessas ocasiões, as correspondências acabam por tracejar uma “conversa” entre Aldo Silva e a ouvinte, em um diálogo através de meios diferentes, onde o locutor atende os pedidos, e comenta a carta da fã via rádio, e esta o responde por meio da escrita, num ciclo.

Para além de desvendar alguns pontos acerca de teias que tramam as redes de sociabilidade, as correspondências recebidas por Aldo também servem para indicar as preferências do ouvinte, ao refletirmos sobre o gosto radiofônico dos missivistas. Um dos programas mais mencionados nas cartas são as radionovelas. Desde da primeira irradiação no Brasil, 1941, o gênero dominou a programação, permanecendo sempre entre as principais atrações das emissoras. Na rádio Guarujá o clima não era diferente, e Aldo Silva, como diretor Artístico da emissora, era responsável direto pela produção novelesca. Carregadas de emoções, as novelas tinham como objetivo prender a atenção do ouvinte, que colado ao rádio, mergulhava nos sofrimentos e redensões dos personagens.



Nas missivas pesquisadas, encontramos relatos que confirmam o acompanhamento diário das radionovelas da rádio Guarujá. A ouvinte Maria Silva, escreve empolgada pela trajetória de uma novela: *“Aldo, cada dia que passa, eu acho a novela “O retrato de Cristina”, mais interessante e mais emocionante”*(04/12/1957). Já Maria Ferreira, afirma: *“Senhor Aldo gosto de todo os programas não perco só um, mais principalmente as novelas”* (21/10/1957). As referências as novelas aparecem em 68 das 111 cartas analisadas. Em sua maioria, vem acompanhadas de elogios ao roteiro, à produção, ao elenco, e ao próprio Aldo Silva. Sobretudo, as cartas que versam sobre as novelas, em geral também elogiam o elenco do setor de radio teatro da Guarujá. Para uma ouvinte, a evolução é visível: *“As nossas novelas estão melhorando dia para dia”* (16/10/1957). Já Rosires Souza considera de alto nível a atuação do cast: *“Adoro as novelas desta emissora (sic) pela habilidade dos artistas e perfeição com que desempenham seus papéis”*(08/10/1957). Também assim pensam outras ouvintes, que preferem nomear seus radioatores prediletos: *“Estou gostando muito das novelas, principalmente o retrato de Cristina, o senhor e o Oscar e a Lígia trabalham muito bem, aprecio muito o papel que vocês fazem”*(10/11/1957). A missivista Maria das Dores, vai além, e num lampejo de fã, não hesita em classificar o elenco da Guarujá como o mais formidável: *“Os rádios teatro que a “Guarujá” oferece aos seus ouvintes são os melhores do Rádio Brasileiro, (os)as rádio atrizes trabalham muito bem, principalmente Aldo e Lígia”*(xx/10/1957).

Para as entusiastas da novela, as histórias romanescas somavam-se aos acontecimentos da vida. O rádio, de uma maneira singular, permitiu que as pessoas, em especial as mulheres, que seguindo um padrão da sociedade eram direcionadas pela educação a permanecer em casa, guarnecendo o sagrado lar da família; tivessem acesso aos divertimentos propostos pelo rádio, e emergissem em narrativas apaixonantes. Em muitas casas, o rádio ficava ligado o dia todo: *“Gosto muito das novelas desta ‘imissora’ (sic). Não perco ‘nenhua’ (sic). Aqui em casa desde as 6 horas da manhã, e até as 11horas nos só escutamos a rádio Guarujá, pois é a maior aqui dentro de Florianópolis”* (22/11/1957). E caso uma novela não fosse irradiada, a angústia dominava os corações dos ouvintes: *“Sou uma grande fan das queridas novelas. Tenho sentido falta esta semana que as novelas não foram apresentadas”* (26/10/1957).

Durante sua carreira radiofônica, Aldo recebeu incontável cartas, vindas de todos os lugares do Brasil. Segundo Aldo, grande parte das cartas era de gente simples, de caligrafia confusa. Para incentiva-los a escrever, ele elogiava as cartas no ar, em seu programa, adulando os ouvintes (VARGAS, 1992). Contudo, depois de sua retirada do ambiente radiofônico, as cartas foram escasseando, e enfim, cessaram. Em entrevista anos após sua saída do rádio, Aldo Silva



demonstrou ter consciência de como funcionava o mecanismo da fama no rádio. Aldo ponderou que “o sucesso é impostor e efêmero” (SCHMIDT, 1988, p.12) Dessa afirmação podemos considerar que sua análise engloba a aceção de que quando uma fã envia uma carta de paixão, de louvor, sua adoração não é pelo homem Aldo Silva, e sim, pela voz, pelo carisma do radialista, pelo personagem ficcional fruto da imaginação do ouvinte. Por fim, Aldo comenta a relação entre sua saída do meio radiofônico e o findar das cartas: “É que ao sair, continuei vivo, mas o locutor morreu” (SCHMIDT, 1988, p 12).

Afastado de seu instrumento, o microfone, Aldo é desterrado do panteão de idolatria em que fora posto por suas fãs. Sem sua voz a viajar pelas ondas hertzianas, sem a faceta de homem do rádio, ele converte-se num personagem trivial. Depois de trabalhar por cerca de 30 anos com a fábrica de fantasias que é o rádio, quiça seja difícil diferenciar o radialista do homem. Mas não só para ele. Na memória dos ouvintes mais apaixonados, o nome Aldo Silva acompanhará a recordação de audições enfeitiçadas ao pé do rádio, onde foram imaginadas centenas de imagens auditivas, foram forjados sentimentos e sociabilidades, que materializam-se nas cartas, a maioria escrita do próprio punho, no momento da audição do programa

Por um lado, o rádio proporcionava a criação de laços de sociabilidade entre desconhecidos, ao transmitir uma série de práticas culturais, que foram sendo identificadas como comuns a seus ouvintes. Por meio dele, indivíduos expressavam, de diversas maneiras, suas relações sociais e culturais. O próprio veículo entendia-se como um integrador, capaz de ligar o ouvinte com o mundo, levando a ele toda uma gama de informações e representações. Estimulando uma intimidade, um sentimento de proximidade entre aqueles que se reconheciam como ouvintes, “a radiodifusão acabou por construir nos milhares de amigos anônimos espalhados uma certa sensibilidade, seja através do devaneio, da imaginação, sonho, e principalmente, pela admiração aos locutores, músicos e artistas” (MACHADO, 1998, p. 10).

Referências:

- CALABRE, Lia . **O historiador e o rádio**: relações em questão. Brasília: FCRB, 2008
- CALABRE, Lia. **No Tempo do Rádio** : radiodifusão e cotidiano no Brasil (1923-1960). Tese de doutorado. Rio de Janeiro, UFF, 2002.
- CALDAS, Raul. **Delirante Desterro..** Florianópolis: UFSC, 1980
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural** – Entre práticas e representações. Lisboa: Orfel. 1989



CUNHA, Maria Teresa Santos. Por hoje é só: cartas entre amigas. In: BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. **Destinos das letras:** história, educação e escrita epistolar. Passo Fundo: UPF, 2002.

DAUPHIN, Cécile. Maneiras de escrever, maneiras de viver: cartas familiares no século XIX. In: BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. **Destinos das letras:** história, educação e escrita epistolar. Passo Fundo: UPF, 2002.

MACHADO, Aldonei. **A Cidade no Dial** - Florianópolis nas ondas médias e curtas do rádio (décadas de 40 e 50). Dissertação de Mestrado. Florianópolis, UFSC, 1999.

MACHADO, Aldonei. Sons e Sentidos: Uma cartografia do rádio em Florianópolis. **Revista Esboços:** UFSC, v. 09, 1998.

MIGNOT, Ana Chrystina V. Artesãos da palavra - cartas a um prisioneiro político tecem redes de ideias e afetos. In: BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. **Destinos das letras:** história, educação e escrita epistolar. Passo Fundo: UPF, 2002.

SCHMITZ, Paulo Clóvis. **Memória do Rádio:** Aldo Silva, um galã no anonimato. Caderno Leitura & Lazer do Jornal O Estado de Florianópolis. Data de 2 de agosto de 1987. P.12.

SEVERO, Antunes, MEDEIROS, Ricardo. **Caros Ouvintes- os 60 anos do rádio em Florianópolis.** Florianópolis: Insular/ACI, 2005.

SIMÕES, Aldírio. **Retratos à Luz de Pomboca.** Florianópolis: ANCapital/Banco do Estado de Santa Catarina, 1997. P. 100.

VARGAS, Ademar. **No ar:** Aldo Silva, um Rapaz Batuta. Revista DC do Jornal Diário Catarinense de Florianópolis. Data de 6 de setembro de 1992. P.10.

Jornais:

Jornal “O Estado”, 1957.

Jornal “A Semana”, 1957.